

de calamidade pública?

Luiz Carlos

Setor P: caso

É possível habitar uma localidade onde a saúde da população está ameaçada pela grande quantidade de detritos de esgotos que corre a céu aberto pelas ruas, quando não invade as residências, mistura-se ao lixo acumulado durante meses, por não ter sido recolhido? É possível morar num local onde não existem redes de iluminação pública, fornecimento de água e transporte coletivo regular, comércio estabelecido, telefones públicos, farmácias e com as escolas públicas não funcionando adequadamente?

Estas perguntas estão sendo feitas pelos moradores das 15 400 unidades residenciais que formam o Setor P de Taguatinga, construído pela SHIS e entregue sem um mínimo de infra-estrutura básica, e que foi recentemente classificado de «horroroso» pelo presidente do BNH, José Lopes de Oliveira. A falta de condições de habitabilidade das casas está fazendo com que o comércio de material de construção seja o mais próspero do setor.

Isso porque as residências, além de não terem laje e reboco, sofrem infiltrações de água, fazendo com que os moradores sejam obrigados a realizar inúmeros reparos na construção. Quando não são as infiltrações de água, são as poças de esgotos que se formam nas portas das residências, pois a maioria das fossas sépticas estão estouradas», reclama a moradora da casa 46 da quadra 28, Antônio Soares da Silva.

Nas proximidades dessa quadra, existe uma grande quantidade de casas, em número de 700, que ainda não foram habitadas devido às condições do terreno em que foram construídas. No local, estão sendo realizadas obras de esgotos sanitários pela CAESB. Um operário explicou que as casas foram construídas onde antes era um brejo e, em consequência, não puderam ser cavadas fossas sépticas, pois a água mina a um metro de profundidade. Até mesmo os tratores que trabalham no local, para proporcionar condições de habitabilidade, ficam frequentemente atolados no terreno excessivamente úmido.

ÁGUA

Além da inexistência de redes de saneamento, os moradores têm também que enfrentar a falta de água potável», que costuma desaparecer todos os dias por volta das sete horas», como explica a moradora Antônio Soares.

Entretanto, a paisagem mais marcante do Setor P de Taguatinga é a grande quantidade de lixo acumulado em todas as esquinas. Como o caminhão de coleta só passa por ali de trinta em trinta dias, os moradores, para deixarem o livro na porta das residências, escolheram as esquinas das quadras como o local mais adequado para depositá-lo, enquanto a coleta não é feita.

Na parte norte do setor, como a SHIS ainda não liberou os prédios destinados a instalação de estabelecimentos comerciais, fazer compras constitui-se no grande problema das donas de casa. Alguns comerciantes se estabeleceram irregularmente nas quadras residenciais, e, por saberem que os

fregueses não têm muitas opções, cobram preços muito mais caros que o valor real das mercadorias. Uma opção é o mercado que a SAB instalou no setor. Entretanto, as reclamações a respeito do que é vendido ali são muitas. «Além de não se encontrar à venda todos os produtos necessários, as mercadorias são estragadas, sendo que até mesmo a carne vendida nas embalagens próprias tem uma cor azulada e por isso muita gente não compra», reclamou Maria José de Araújo, que no momento fazia compras no estabelecimento.

Outras freguesas reclamaram que a carne «faz uma espuma esquisita quando está sendo cozida». A situação descrita pelos moradores pode ser constatada pela reportagem do JBr no interior do mercado da SAB. Além do mau aspecto do estabelecimento, com o chão completamente sujo e muitas mercadorias espalhadas por ele após terem caído das embalagens estouradas, pelo menos quatro cachorros passeavam tranquilamente pelas instalações.

Um deles, postado em cima de alguns saquinhos de sal de cozinha, olhava gulosamente para o balcão, onde carne e frango eram vendidos por um funcionário, auxiliado por dois garotos sem camisas e de calças sujas. Do lado de fora do prédio, uma verdadeira feira foi formada por alguns vendedores que vendem desde legumes e frutas até galinhas ainda por serem abatidas. Ao lado esquerdo da porta do mercado, os calçados estragados podem ser consertados por um sapateiro que instalou ali a sua barraquinha, construída de restos de tábuas.

ONIBUS

Contudo, os moradores têm que se contentar em fazer compras no local, pois o deslocamento para outros setores se torna muito difícil pelo fato dos ônibus não oferecerem um serviço regular. Quem quer viajar até o Plano Piloto, por exemplo, precisa caminhar até a Guariroba, situada a grande distância, onde ficam os ônibus. Mas, mesmo quem quer se deslocar até outro setor de Taguatinga enfrenta dificuldades. Mostrando um papel em que estava notificado o seu aviso prévio, o padeiro Amauri Bandeira Farias explicou que fora demitido no dia anterior porque mesmo tendo ido para o ponto de ônibus às seis horas, não pôde chegar às sete na padaria onde trabalha, situada no setor QNH, um dos mais próximos do setor P.

«Você já imaginou a situação de quem trabalha no Plano Piloto e precisa sair daqui de madrugada e andar até a Guariroba por essas ruas sem iluminação para poder pegar um ônibus?» pergunta ele. Além disso, acrescentou, «os assaltos aqui são frequentes, pois não há nenhum policiamento».

Também algumas escolas do setor estão sendo causa de revolta por parte dos moradores. «Nós mandamos os filhos para lá de manhã e a diretora pede para que eles voltem de tarde pois de manhã não haverá aulas», explicou Maria Dias Figueiredo, moradora da quadra 28.